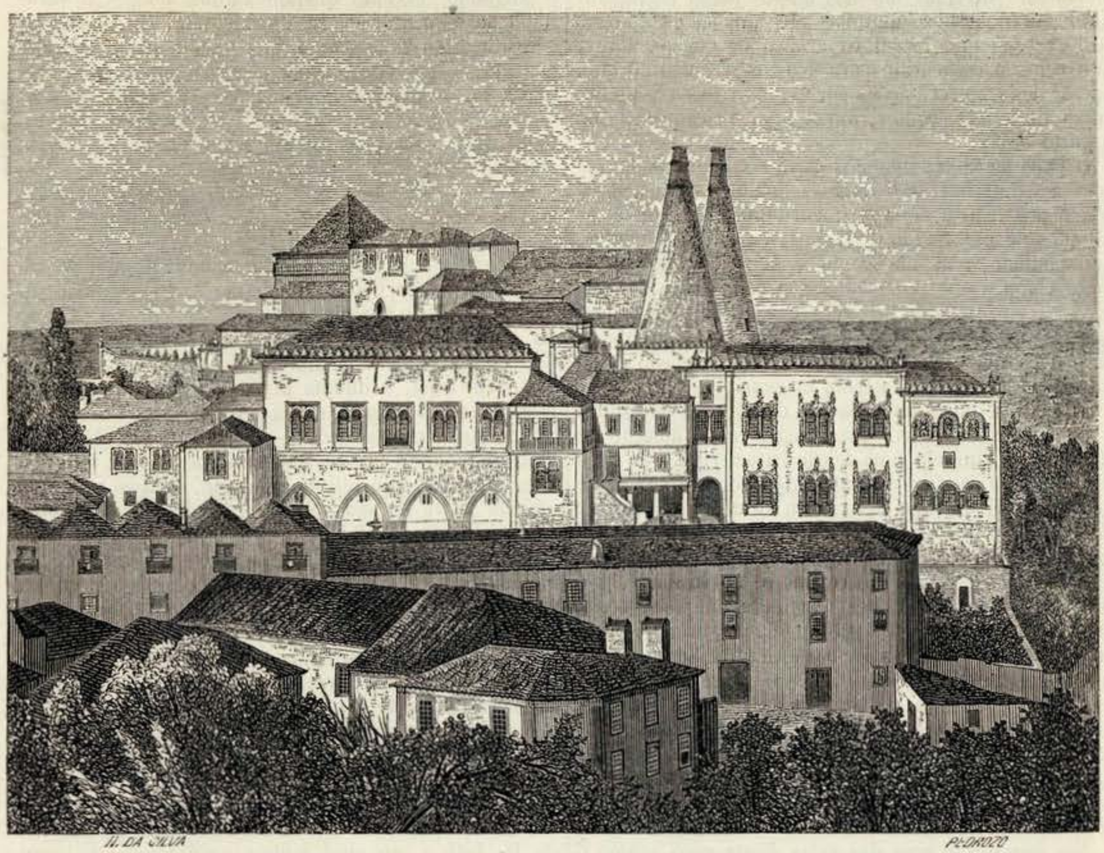


Palacio real de Cintra

I

A meia encosta da serra de Cintra, da parte de léste, levanta-se senhorilmente o paço real, de um lado sobranceiro á villa que recebeu da sérra o seu nome, e dos outros lados cercado de arvoredos, que ora escondem, ora deixam a descoberto os rochedos que servem de base ao alcaçar.

Como a palmeira que se ergue no meio do deserto orgulhosa da sua grandeza e magestade, assim tambem este paço, ennobrecido pelos seculos, rico de arte, e cheio de recordações historicas, campêa soberbo como um gigante entre as mais construcções da villa.

Não se sabe quem foi o seu primeiro fundador; e até ninguem se atreve a aventurar um nome; por tal modo sepultaram no esquecimento essa memoria a barbaridade dos tempos, e o correr dos seculos! Todavia, a fórma geral do monumento, a disposição dos jardins e pateos interiores, e a distribuição das fontes e lagos dentro do palacio, revelam de maneira incontroversa uma origem arabe.

As pessoas que tiverem visitado a Alhambra de Granada e o paço de Cintra, devem ter notado varios pontos de similhança que ha entre os dois edificios.

Granada foi uma das cidades mais opulentas e poderosas do imperio musulmano na Peninsula. Foi, talvez, mau grado de Cordova e de Sevilha, aquella em que mais floresceram as artes, as letras, e as sciencias, ou fosse por contar na serie dos seus soberanos principes mais illustrados, ou porque sendo a ultima a render-se ás armas christãs, abrangeu um periodo de mais desenvolvimento na civilisação. Na Alhambra está-se revendo como em um espelho todo o glorioso passado da historia de Granada. Na riqueza dos marmores, na graça e belleza das pinturas e doiraduras, na viveza das côres e no brilho do oiro, e finalmente nos primores da esculptura, estão fielmente retratados os progressos e engrandecimento d'esse povo que, saindo de Africa indomito e barbaro, fundou na Hespanha, a par de um imperio poderosissimo, uma civilisação brilhante, toda sua.

A Andaluzia, em que estavam comprehendidos os reinos de Sevilha, de Cordova, de Granada, e de Jaen, era o foco d'essa luz resplandecente que se irradiava com mais ou menos fulgor até aos confins da Peninsula. A Portugal chegavam já frouxamente os raios d'essa luz; por isso a raça agarena não deixou em nossa terra monumentos esplendidos da sua dominação. Mas é certo que aos seus artistas devemos o primeiro impulso dado ás artes no começo da monarchia portugueza. Nas principaes obras emprehendidas por D. Affonso Henriques e seus mais proximos successores, isto é, nos templos e castellos, pois que os proprios paços reaes eram tão mesquinhos, que qualquer familia burgueza dos nossos dias se julgaria n'elles apertada; n'aquellas obras, dizemos, empregavam-se sempre, em maior ou menor numero, artistas sarracenos, uns attrahidos pelas recompensas, e eram estes os mestres, e outros captivos no campo de batalha.

Suppõe-se, portanto, com bom criterio, que os paços de Cintra foram primitivamente fundados por algum dos regulos ou alcaides moiros de Lisboa para sua residencia de verão. Não podêmos ajuizar das decorações exteriores e interiores do alcaçar moirisco, porque os effeitos da guerra, a mão do tempo, o descuido dos homens, e a final o alvião dos redificado-

res, os desfizeram e anniquilaram. Mas o que se póde julgar, á vista do plano geral do edificio, da sua fórma externa, e de certas disposições interiores, completamente diversas das dos nossos paços reaes, antigos ou modernos, algumas até alheias aos nossos costumes, é que foram os arabes os constructores; que estes o edificaram para seu proprio uso; e que, apesar das transformações por que tem passado no decurso de tantos seculos, ainda hoje n'elle predomina o gosto arabe.

O paço de Cintra nunca poderia ser bem comparado com a Alhambra de Granada, qualquer que fosse o seu estado sob o dominio mauritano. Os recursos limitados de um regulo de Lisboa, vassallo dos califas, não podiam crear no seculo x ou xi obra tão grandiosa como a que immortalisou o reinado de Mohammed ii, rico e poderoso rei de Granada, no ultimo quartel do seculo xiii. Todavia, ha certos pontos de parecença entre os dois monumentos, que são como laços que os ligam á mesma origem.

Aquella reunião de edificios de differentes fórmas e de diversas alturas, que constituem o alcaçar de Granada, é tambem uma feição caracteristica do paço de Cintra. O *jardim de Lindaraya*, com a sua fonte de alabastro, em que passeavam as odaliscas ao sair do banho; o pomar, onde vinha recrear-se á sombra das larangeiras a gentil *Ayescha*, mãe de *Boabdil*, ou *Abu-Abdallah*, ultimo rei moiro de Granada, são uma reproducção em escala maior e mais nobre dos jardins que se vêem n'aquelle paço, construidos como suspensos, com seus lagos em que repuxam perennemente fresquissimas aguas. Como na Alhambra tem o palacio de Cintra a sua antiga *casa de banho*, os seus pateos ornados de chafarizes, e distribuidos por toda a parte, no interior do paço, e em diversos andares fontes e lagos. Até aqui se admira no andar superior uma sala com um lago no meio, que outr'ora teve repuxo.

Nos proprios nomes das salas d'este paço achará o observador manifestos vestigios de costumes arabes, e mais uma analogia com a Alhambra. Em logar das denominações de *sala dos archeiros*, *da tocha*, *do docel*, e outras mais, usadas em todos os palacios dos nossos reis, dão-se alli aos principaes aposentos nomes particulares, alguns d'elles recordando factos historicos. Assim como no alcaçar de Granada ha as *salas da justiça*, *dos embaixadores*, *das duas irmãs*, *de Comares*, e *dos Abencerrages*, onde Boabdil immolou á sua vingança esta familia de esforçados guerreiros, mandando lançar as cabeças das victimas em um tanque que se vê no meio da mesma sala; no palacio de Cintra encontram-se as salas *da galé*, *dos infantes*, *dos cisnes*, *das armas ou dos cervos*, *das pégas*, e *da audiencia*. As duas ultimas commemoram dois successos da vida dos reis D. João i e D. Sebastião. Finalmente, o nome de *Meca* dado outr'ora a um terreiro, hoje jardim, accrescenta um novo argumento em favor da opinião que enunciámos.

II

É provavel que os paços de Cintra padecessem consideravel ruina por occasião da tomada da villa e do seu castello aos moiros; ruina que sem duvida augmentou pelo desamparo em que estiveram por muitos annos, pois que a continuação da lucta com os sarracenos até á completa libertação de Portugal, trouxe os nossos monarchas, desde D. Affonso Henriques até D. Affonso iii, occupados exclusivamente com os negocios da guerra.

Como este ultimo soberano foi o primeiro que edificou palacio em Lisboa, tambem foi elle o que principiou a frequentar Cintra, levado dos prazeres da caça, que abundava nas densas florestas que cercavam a povoação, e cobriam a serra. Seu filho, el-rei D. Diniz, tambem era apaixonado d'este divertimento; mas como punha todos os seus enlevos na caça grossa, buscava de ordinario outras paragens, sobre tudo o Alemtejo, excepto quando alguns amores o attrahiam ao sitio de caça rasteira. Porém, D. Affonso iv, seu filho, tão excessivo n'estes exercicios que chegou a seguil-os por vicio, fazendo d'elles quasi que a sua profissão, ia caçar amiudadas vezes a Cintra, durante a sua residencia em Lisboa. Não sabemos, porém, onde estes soberanos se alojavam quando visitavam aquella villa.

A mais antiga memoria escripta que temos achado ácerca dos paços de Cintra é uma doação d'estes mesmos paços, feita por el-rei D. João i, com data de 4 de dezembro de 1385, a D. Henrique Manuel de Vilhena, conde de Céa e de Cintra. D. Henrique era filho de D. João Manuel, principe de Vilhena, e neto do infante D. Manuel, filho de S. Fernando, terceiro do nome, rei de Castella. Vindo para Portugal com sua meia irmã, a infanta D. Constança, primeira mulher del-rei D. Pedro i, foi feito conde de Céa e de Cintra por seu sobrinho, el-rei D. Fernando. Não obstante o proximo parentesco e valimento que tinha D. Henrique com este ultimo soberano, D. João i deu-lhe aquella prova da sua affeição e munificencia no proprio anno em que foi acclamado rei.

Diz o citado documento: — «pelos muitos serviços que temos recebido, e esperâmos receber do conde D. Henrique, doâmos para elle, e para todos os seus filhos e filhas, netos e bisnetos, que d'elle descenderem por linha direita, e de todos os seus descendentes d'elles, todos os nossos paços que nós havemos na nossa villa de Cintra, com todas suas entradas e saídas, direitos e pertenças, por aquella mesma guiza que os nós havemos, e de direito devemos haver, e que *os haviam os reis que ante nós foram*».

Esta doação deixa plenamente demonstrada a existencia dos paços de Cintra anteriormente ao reinado de D. João i, ao qual muitos escriptores attribuem erradamente a sua fundação. E tambem se póde presumir, á vista d'este documento, que o edificio em questão não se achava em inteira ruina, porque se assim estivera é natural que o mesmo documento o declarasse, como o fazem outras doações em casos identicos. Sendo, porém, tão ampla a doação, e ficando larga e legitima descendencia do conde D. Henrique, como é que vemos aquelles paços encorporados na corôa, sob o reinado do proprio doador? Ignorâmos a maneira por que se realisou este successo. Provavelmente el-rei D. João i, achando-se possuidor tranquillo d'este reino, apreciou melhor as bellezas naturaes de Cintra; e, arrependendo-se da doação, tratou de readquirir aquelles paços, mediante alguma indemnisação dada a D. Henrique Manuel de Vilhena, ou aos seus herdeiros. O que é certo é que este monarcha reedificou e augmentou estes paços, e n'elles passou alguns verões em companhia de D. Filippa de Lencastre, sua esposa.

Começa, portanto, n'esta epocha a historia conhecida do palacio de Cintra.

(Continua) I. de Vilhena Barbosa.

OS EMBRIAGADOS

CONTO POPULAR DE TRUEBA

(Vid. pag. 218)

V

Havia decorrido muito tempo desde que Lourenço passára por primeira vez a ponte arrastando-se como reptil. Quantas vezes tornára a passar d'aquelle vergonhoso modo? Examinemos o estado de sua casa e de sua familia, e este exame nol-o dirá.

Seriam duas horas da tarde, e Lourenço passeiava defronte de sua casa com uma menina de dois annos nos braços.

A ferraria estava fechada, e um monte de fezes e limalha ia-se cobrindo de herva, o que provava haver muitos dias que se não amontoavam mais.

Lourenço parecia fraco e enfermo, e o seu trajo, embora limpo e cuidadosamente remendado, revelava miseria.

A herva tornára a assenhorear-se da horta, e na casa não se notavam a perfeita ordem e o aspecto de prosperidade que reinavam n'ella um mez depois do casamento de Lourenço e Rosa.

A menina que Lourenço trazia nos braços era muito formosa, mas parecia alguma coisa triste e doente. Procurava Lourenço alegral-a, ora colhendo-lhe flores das que nasciam no muro da horta, ora entoando-lhe ternas e amorosas cantigas, ora fazendo-a dançar nos braços, ora, em fim, beijando-a e acariciando-a com a maior affeição.

Menchaca saíu de casa dirigindo-se para a ponte, e, ao passar pela frente da casa de Lourenço, parou a fallar com elle.

— Tens uma criança muito engraçada, Lourenço...

— Mais linda que ella não ha em Biscaya.

— Queres-lhe muito.

— Não haverá para mim desgostos no mundo em quanto Deus m'a guardar.

— Eu quero muito a crianças; porém fazer, como tu, de mulherengo, parece-me feio.

— Porque não tens filhos; se os tivesses, como eu, terias muito orgulho e prazer em cuidar d'elles, acaricial-os, e tornares-te criança para os satisfazer.

— Dá a criança á mãe, e vem jogar comnosco.

— Não póde ser, porque Rosa está no mercado.

— Traze comtigo a pequena.

— Não quero mais gente na taberna.

— És um louco.

— Deixal-o ser.

Menchaca continuou o seu caminho para a ponte, e, ao vel-o afastar-se, Lourenço se foi tornando pensativo e triste.

A Botija saíu ao mesmo tempo de sua casa, com a competente garrafa debaixo do avental, e dirigiu-se para a porta da casa de Lourenço.

— Vaes então aprendendo a andar de corpo direito, heim, Lourenço!

— Á força de circunstancias, respondeu Lourenço.

— O homem, e parece que se te partiu o martello, porque ha mais de quinze dias que não se ouve.

— Bem me péza.

— Não tens trabalho?

— Não, senhora.

— Meu filho, tu tens a culpa.

Lourenço não respondeu, conhecendo que a Botija tinha razão.

— Bem vês que vir a gente meia duzia de vezes, de uma ou duas legoas distante, carregada de ferramentas, para voltar sempre com ellas sem concerto, porque o ferreiro não está disposto a concertal-as, acaba por cançar e afugentar o homem mais paciente.

— Deixe-me em paz, senhora, que não careço de sermões, replicou Lourenço, ferido, em fim, em sua ridicula vaidade.

— Já te converteste? Alegro-me devéras, meu filho, e mais se alegrará a pobre de tua mulher, que realmente ganhou muito casando comtigo!

— Disse-lhe, e repito-lh'o, que se metta com os seus negocios e deixe os alheios, respondeu Lourenço, cada vez mais zangado.

— Anda, grosseiro, não te amofines, que por teu bem o digo. Deixa-me dar um beijo n'esse anjo de Deus.

A velha aproximou-se da criança e beijou-a, exclamando:

— Lindo anjo, que desgraçado tens de ser!

Lourenço baixou a cabeça em silencio para occultar duas lagrimas que lhe saltaram dos olhos, e, quando a Botija voltou as costas para continuar o seu caminho, deixou correr aquellas lagrimas e outras, e beijou ao mesmo tempo, com indizivel ternura, a criancinha.

Pouco depois Rosa appareceu pela costa que descia da egreja ao rio, trazendo um cesto á cabeça.

Tambem em Rosa se verificára notavel transformação.

Tinham desapparecido as formosas côres que lhe brilhavam no rosto, e poder-se-hia dizer que em tres annos envelhecêra a pobre mulher dez ou doze.

A criancinha começou a agitar-se alegremente assim que viu sua mãe, para a qual estendia os braços chamando-a com infinita graça.

O rosto de Lourenço tambem se alegrou quando Rosa appareceu.

— Mamã! pão, pão! — dizia a menina estendendo a mãosinha para o cesto de sua mãe.

— Sim, já t'o dou, filha do meu coração e das minhas entranhas! — respondeu Rosa beijando-a e acariciando-a extremosamente, e dando-lhe um alvo canto de pão, que a pobre creatura se poz a devorar com ancia.

Lourenço metteu a mão no cesto, e, tomando outro canto de pão, poz-se a comel-o com mais appetite ainda que a menina.

— Ainda não comeste, filho? — perguntou Rosa.

— Não.

— Por que?

— Porque não tinhamos pão.

— Não te disse que pedisses um emprestado á visinha?

— Pedi-o á Botija e á mulher de Menchaca, e disseram-me que te dariam a ti a alma e a vida, porém a mim não.

— E a minha menina com fome! — exclamou Rosa com profunda mágoa.

— Davam pão á menina, porém eu nada quiz acceitar d'ellas.

— Fizeste muito mal, Lourenço.

— Cada um tem o seu orgulho.

— O orgulho ha de ser bem fundado; e ainda o que o é sacrifica-se para dar pão a uma innocente creatura como esta.

— Tens razão, filha, respondeu por fim Lourenço, quasi chorando de raiva e desgosto de si proprio; sou um nescio, e, o que é muito peior ainda, sou um mau homem... Não mereço ser pae de um anjo como este, nem marido de uma santa como tu!...

— Estás ahi com as loucuras do costume. Vamos, deixa-te de simplezas, e anda comer, que, Deus louvado, trago pão e dinheiro para que nada nos falte ámanhã; vendi muito bem a fruta, e, além d'isso, encontrei no mercado um de teus devedores, que me pagou o que te devia. Cuidaste da panella?

— Sim, e dei já uma chavana de caldo á menina.

— Então subamos, e verás com que appetite comeremos em paz e graça de Deus.

Com effeito, em paz e graça de Deus comeram, Lourenço, sua mulher e sua filha, o pouco substancioso jantar que Rosa tivera o cuidado de preparar antes de ir aquella manhã á villa immediata, carregada com um enorme cesto de fruta, que, posto pesasse quatro arrobas, era carga levissima comparada com a que o destino lhe lançára aos hombros quando ella se casou com Lourenço.

Com o que vimos e ouvimos, e com outros dados particulares que temos, podémos formar juizo exacto da triste situação de Rosa e de seu marido no momento em que tornâmos a vêl-os.

Lourenço estimava a esposa e a filha, e reconhecia que o seu procedimento tornára ambas infelizes; porém, por mais que todos os dias se propozesse firmemente abandonar o vicio que o dominava, e do qual proviera a ruina e descredito de sua casa, o vicio podia n'elle mais que a vontade, e arrastava-o todos os dias á taberna.

Aborrecido por todos os visinhos, nem o homem encontrava amigos, nem o operario encontrava freguezes. Os seus unicos amigos eram Menchaca e outros dois ou tres, tão miseraveis e despreziveis como elle; porque, como elle, consumiam na taberna o pão de suas familias.

A pobre Rosa, com resignação e força de vontade, que bem lhe valiam o nome de santa dado por seu marido, economisava e trabalhava sem descanço; mas todos os seus esforços e verdadeiramente heroicos sacrificios não lhe bastavam para occorrer ás necessidades da casa.

Depois de jantar, a menina adormeceu no regaço de sua mãe, e esta, depois de a deitar, tomou o cantaro e encaminhou-se com elle para a fonte, seguida do cão.

Lourenço chegou á janella e viu a Botija que voltava com a garrafa cheia, occulta debaixo do avental.

— Gósto de ver-te, Lourenço, disse a velha; gósto de ver que estás em casa em vez de ir para a taberna, deixando de seguir o exemplo dos que lá estão agora embriagando-se vergonhosamente.

Estas palavras, longe de produzirem o salutar effeito com que, sem duvida, contava a Botija, produziram o contrário. Lourenço pensou por um lado na Botija e seu marido esgotando deliciosamente a garrafa, e por outro em Menchaca e companhia esgotando canadas em alegre colloquio, e, como sempre, todos os seus bons propositos fugiram ante aquellas seductoras imagens.

Lourenço dirigiu-se ao bahú onde sua mulher guardára o dinheiro que trouxera do mercado, tomou parte d'aquelle dinheiro, e apressou-se, antes que voltasse Rosa, a sair para a taberna.

Lourenço procurava e encontrava sempre pretexto para satisfazer o vicio que o dominava: quando tinha desgostos bebia para esquecel-os; quando tinha satisfação bebia para celebral-a. O pretexto que encontrou aquella tarde para justificar a sua ida á taberna, foi a boa venda que sua mulher fizera no mercado.

Quando Rosa voltava com o cantaro cheio, viu o marido no alto da ponte, e chamou-o; porém Lourenço, depois de parar um instante vacillando entre o seu *dever* e o seu *beber*, continuou o caminho em quanto sua mulher subia as escadas assaltada pelas caricias de Valente, que, com seus pulos e afagos, parecia dizer-lhe: «Não posso alliviar-te d'essa carga, mas no affecto que te dedico e na satisfação que sinto ao teu lado, ninguem me leva a palma!

Uma hora depois, Lourenço e seus amigos saíam da taberna lançados aos empuxões pela policia, e com uma embriaguez d'aquellas que fariam gritar no tempo de Fernando VII: «Viva a cadeia!» que fazem gritar agora no regimen actual: «Vivam os homens livres!» e em todos os tempos: «Bem sabes que sempre tenho dinheiro para os amigos!»

Outra hora depois, Lourenço e Menchaca passavam a ponte, arrastando-se como reptis.

E poucos instantes depois, a mulher de Lourenço e a mulher de Menchaca choravam a *duo*, a primeira tão baixo, que a não podiam ouvir os visinhos, porque Menchaca e Lourenço, cada qual com uma chibata na mão, sacudiam o pó a suas companheiras de tristezas e alegrias, com a força do alcool que lhes inspirava tão heroicas acções!

(Continua) B. A.

O CHANCELLER BACON

I

Se a edade média não foi, como erradamente lhe tem chamado, um eclipse total da intelligencia, se através da meia obscuridade d'aquelles tempos reluziram com maior ou menor intensidade os lampejos do talento, e os clarões que foram precursores de uma nova alvorada intellectual; se a auctoridade de Aristoteles, desfigurada muitas vezes pelos seus commentadores antigos e pelos seus enthusiastas europeus, não soffreou inteiramente o espirito que não ousasse muitas vezes desprender-se das cadeias escholasticas, e voar á racional contemplação e exegése do universo, não se póde contestar que o entendimento meio adormecido, perdida a antiga espontaneidade e energia com que florescêra na velha Grecia, só recobrou a plenitude dos seus foros n'esta epocha de fecunda actividade, que principia desde os fins do seculo decimo quinto, e que illustrando-se por successivos e brilhantes descobrimentos, abre com os nomes gloriosos de Galileo e Isaac Newton o cyclo actual das sciencias naturaes.

Que distancia intellectual não separa hoje a physica dos nossos dias e os esboços imperfeitos, as visões ás vezes propheticas, mas nebulosas, as audazes, mas mil vezes erradas theorias da antiguidade ácerca dos phenomenos e das leis do universo material! Entre a physica de Thales ou de Anaxagoras e a de Arago e de Kirchhoff, que profundissima separação e que progressos successivos não realisou o espirito humano! Entre a hypothese astronomica de Philolau até á concepção definida de Nicolau Copernico ácerca do systema do mundo, de Copernico ao inspirado Kepler, de Kepler a Newton e Galileo, de Newton a Laplace e de Laplace a Leverrier, que rasto cada vez mais luminoso e mais esplendido não vae deixando o genio nas suas investigações sobre as leis e as harmonias do universo! E todavia, quantos erros, quantos preconceitos, quantos absurdos não vem mesclar-se á admiravel e prodigiosa successão dos descobrimentos scientificos! Que luctas, que perseverança, que tenacidade, que inspiração não representam esses thesoiros de sciencia, que formam o peculio opulentissimo das nossas riquezas intellectuaes!

A razão humana jazêra por muitos seculos encadeada nos durissimos ferros da auctoridade. O espirito havia perdido a originalidade e o vigor em tudo o que se referia ás luctas gloriosas da philosophia e da razão. A Europa dera o exemplo da mais paradoxal contradicção entre a sua indole social e politica e o seu modo de ser intellectual. Em quanto por uma parte as sociedades européas, fundando-se sobre as ruinas da sociedade romana, herdeira das tradições da antiguidade, moldavam as suas instituições pela formula da liberdade germanica, chegavam, no meio do regimen feudal, á anarchia e se rebellavam contra toda a tentativa de unidade, por outro lado a razão especulativa acceitava obediente a doutrina classica, e repoisando a cabeça sobre os manuscriptos viciados da antiga philosophia aristotelica, julgava-se dispensada de investigar, de aprender, de raciocinar, e de substituir os erros dos antigos pelas verdades novamente conquistadas.

Espiritos eminentes surgiam acima da mediocridade commum, e protestavam a espaços contra a auctoridade do velho philosopho Stagyrita, lustravam rapidamente estas confusas regiões intellectuaes, aonde mais tarde haviam de voar as aguias do entendimento, quando rotos os grilhões da tradição, o Prometheo impaciente da sciencia se erguesse impetuoso para arrancar segunda vez aos deuses a centelha creadora da verdadeira philosophia. Nas trévas da meia edade ha-

viam apparecido para illuminar passageiramente os horisontes intellectuaes estes videntes da verdade, que se chamavam Abeilard, Rogerio Bacon, Alberto Magno.[1] As perseguições ou as suspeitas levantadas contra os audazes innovadores, haviam provado quanto eram fundas e persistentes as raizes do erro no vulgo dos espiritos, e qual era o destino que deviam aguardar os que depois dos primeiros e bravos arremessos contra a viciosa auctoridade, tentassem hastear a bandeira do livre exame, da critica sensata, da exegése racional, e do estudo experimental da natureza.

Abeilard expiára n'uma existencia de amarguras e de affrontas a alteza indomita do seu entendimento. O infortunio ennobrecêra a gloria do subtil innovador. Rogerio Bacon, encarcerado como réo de nefandos sacrilegios, retemperára a energia do seu animo, e tornára mais intensa a luz do seu espirito com a implacavel perseguição dos seus adversarios.



O chanceller Bacon

Alberto Magno, apesar de inscripto nos catalogos em que a egreja militante confere anticipadamente o galardão da egreja triumphante aos seus eleitos, não podéra escapar ás calumnias dos reaccionarios, que o apodavam de cultivar as sciencias occultas, e o suspeitavam de frequentar com demasiada complacencia os colloquios de Satanaz.

Apesar das contradicções com que o erro dominante, á similhança das potencias e das instituições escudadas pelo tempo e pela tradição, buscava multiplicar os obstaculos á livre actividade dos espiritos, a razão ia seguindo a sua lei providencial, despojando-se dos abusos e preconceitos da edade média, soltando-se dos laços da sua segunda infancia, crescendo e vigorando na sua auspiciosa adolescencia, e annunciando os nobilissimos triumphos com que havia de inaugurar a edade moderna, e os assombrosos descobrimentos do seculo decimo quinto.

Não nos consente a estreiteza de um artigo nem ainda resumir o largo itinerario da razão humana, desde que se levanta da obscura eschola philosophica e theologica do seculo XI ou XII, até que por successivas e admiraveis gradações se eleva por uma parte ás atrevidas abstracções da philosophia moderna, e por outra á investigação experimental dos phenomenos naturaes.

II

O seculo XV é aquelle em que se torna já patente e manifesta a transição do espirito, ainda timido, dos livres pensadores da edade média, para o fecundo entendimento da epocha moderna.

Os successos encadeiam-se para preparar na Europa o foco d'esta grande e fecunda elaboração intellectual,

[1] Vid. os artigos sobre a sciencia e as encyclopedias na edade média publicados em os numeros 18-23-24-25-26 d'este volume.

que deve um dia transformar a humanidade sob o triplice aspecto da sciencia, da industria, e das relações e harmonias sociaes.

A invenção da polvora é o primeiro canto d'esta magnifica epopéa da civilisação moderna. Ou fosse invenção ou introducção, ou fosse o resultado dos estudos perseverantes de um franciscano inquieto e turbulento, Berthold Sthwarz, ou o fructo das tentativas alchimicas de um mendicante illustre, Roger Bacon, a polvora desapossou dos seus fóros o valor individual, lavrou a primeira sentença contra a força material, representada na armadura do cavalleiro e do cataphracta feudal, ensinou a necessidade da união e da disciplina, e reflectindo-se da sociedade militar para a sociedade civil, foi um agente poderosissimo de unidade contra a desmembração indefinida dos estados sob o regimen esterilisador da cavallaria feudal.

A polvora significava a multiplicação da força pelos novos engenhos de combate. A multiplicação da força devia succeder a multiplicação indefinida do pensamento. Veiu a imprensa assignalar o novo passo da humanidade no caminho infinito do progresso.

Os primeiros tiros dos trons e bombardas ao declinar a edade média haviam sido o signal de alarma, a cujo som as nações principiavam a concentrar-se e a robustecer-se por vinculos de mais estreita e solida união.

A imprensa uniu os espiritos, assim como o agente destruidor servíra de cimento á energia e actividade das nações.

Na ordem providencial não ha instrumentos que não estejam mysteriosamente apparelhados, assim como na ordem physica os cataclysmos, as torrentes, as inundações, as tempestades, os volcões, que são para os espiritos communs o delirio da natureza, são para o universo as notas graves do seu hymno, para o Creador os periodos mais eloquentes e fecundos da sua palavra omnipotente, para o philosopho as provas irrecusaveis da harmonia universal.

Achada a polvora e a imprensa, podia dizer-se que desde logo a Europa tomára posse da sua multiplice e nova civilisação. Com aquelles dois inventos prodigiosos, era impossivel que a humanidade não trilhasse desassombrada os dois caminhos parallelos da revolução politica e da sciencia racional.

Ambos aquelles agentes, irreconciliaveis na apparencia, serviam a mesma idéa e respondiam ao mesmo intuito social. Ambos approximavam os povos, um nos campos de batalha, o outro na arena, cada vez mais ampla e desassombrada, das luctas intellectuaes. A polvora convertia os recontros fortuitos e as requestas locaes da velha cavallaria feudal nas grandiosas concepções da strategia e da grande tactica, taes como as deviam professar Wallenstein e Gustavo Adolpho, Turenne e Mauricio de Saxonia, Frederico II e Napoleão. A imprensa deslocava a actividade espiritual desde o recesso dos claustros até a aclimar na praça publica, e fazia do pensamento, não o privilegio de uma classe, mas o direito inalienavel de toda a humanidade.

Os exercitos, que já cruzavam a Europa, trocavam pelo contacto das povoações as idéas e os sentimentos de cada nação. A imprensa, diffundindo a sua luz até ás ultimas aldeias, illuminava com o seu clarão a gloriosa madrugada da intelligencia, que em toda a parte começava a despertar.

Assim como os exercitos se adestram antes de passarem as fronteiras, e marcham ás victorias e ás conquistas, assim tambem a christandade, destinada a operar em todo o globo a espantosa revolução das armas e das idéas, se communicava e se fundia em mais estreita unidade, apesar das apparentes vibrações que rompiam ás vezes os vinculos da sua fraternidade. Com a divisão, por assim dizer molecular, das sociedades européas, durante o regimen senhorial, todas as grandes e magnificas emprezas da moderna civilisação teriam sido mutiladas e infecundas. Poderiam ter copiado os arremessos heroicos, mas inconsistentes, das cruzadas; poderiam ter, como n'estas expedições aventurosas, deixado no seu caminho um rasto de luz, sem deixarem, comtudo, os resultados duradoiros de uma novissima civilisação.

Para a grande elaboração em que a Providencia tinha destinado a christandade para que fosse o sublime operario do progresso, toda a Europa civilisada não era ainda arsenal demasiado. Os esforços de cada povo era necessario que uns a outros se aggregassem para que fosse efficaz a collaboração. A consolidação das grandes nacionalidades era a preparação essencial para que a Europa entrasse na scena grandiosa em que se devia representar o drama dos modernos acontecimentos.

No fim do seculo XV estava terminado o primeiro noviciado da civilisação.

As grandes potencias européas desenhavam claramente as suas feições, e traçavam as suas fronteiras. Portugal firmára a sua autonomia, resistindo, pela energia da sua vitalidade nacional, á fusão dos povos peninsulares sob o sceptro feliz dos reis catholicos. A monarchia hespanhola reunira os membros dispersos do antigo reino visigodo. A civilisação semitica, representada pelos ultimos arabes granadinos, e encravada no seio da Europa occidental, era proscripta do territorio hispanico. O velho imperio do Oriente, degeneração e ironia da antiga magestade romana, caía sob os golpes de uma raça bellicosa, e o aventureiro Mahomet sentava-se no throno dos Paleologos e dos Comnenos. Eram as ultimas tradições da antiguidade que deixavam de ficar immobilisadas na cidade inerte do Bosphoro, e que diante dos alfanges tusquescos fugiam, asylando-se na Europa occidental. Os thesoiros da litteratura e da philosophia classica volviam ás raças, legitimas herdeiras do genio grecolatino, e os foragidos illustres, que presentiam ou deploravam a quéda do imperio carcomido de Justiniano e de Theodosio, os Chrisoloras, os Bessarions, os Chalcondylos e os Constantinos Lascaris, traziam ao occidente os manuscriptos preciosos dos grandes e inspirados escriptores da antiguidade.

A França monarchica levantava-se das ruinas feudaes ao impulso vigoroso de Luiz XI. A Inglaterra consolidava a sua robusta nacionalidade.

Coster e Guttemberg tinham revelado o segredo de fixar, multiplicar e diffundir o pensamento pela imprensa.

A Europa inquieta, presaga de grandes transformações na ordem moral, religiosa e social, como que faltando-lhe o ar, a luz, a liberdade, no seu estreito continente, adivinhava novas terras, e fazia marchar nos debeis galeões de Vasco da Gama, nas caravellas humildes de Colombo, a guarda avançada da civilisação transatlantica.

A Europa tinha sêde intellectual de tudo quanto era grande, novo, desconhecido. Duas tendencias apparentemente oppostas, mas ambas inspiradas pelo mesmo sentimento, dividiam os espiritos, ao approximar-se a maravilhosa quadra do seculo XVI. Buscava-se reconstruir o passado no que elle tinha de bello, de grande, de immorredoiro, nas artes e nos monumentos d'esta formosa antiguidade, a quem as musas parecia haverem sorrido todas as graças da imaginação e da poesia. Procurava-se devassar os caminhos do futuro, e as gloriosas frotas da civilisação moderna dividiam entre si o imperio dos mares, aproando umas á terra ignota e suspirada de Colombo, endireitando o rumo as outras ás regiões orientaes.

Succedem-se em curtos intervallos os acontecimentos que vão imprimindo na christandade uma inespe-

rada feição intellectual. Uma inaudita actividade caracterisa a Europa ao abrir-se o seculo decimo sexto, fecundo manancial de toda a moderna renovação. Prepara-se o magnifico scenario d'este drama que vae desenrolar-se; está prompto o laboratorio onde vão actuar, em suas maravilhosas reacções, os elementos religiosos, politicos, sociaes, philosophicos, que já estão contendo em germen a fórma, ainda incompleta, da nossa actual civilisação.

(Continua) J. M. LATINO COELHO.

A PHARSALIA DE LUCANO

LIVRO VII

BATALHA DE PHARSALIA

(Conclusão. Vid. pag. 222)

Vendo o campo afogado em sangue hesperio,
acha Cesar ser tempo de dar folga
ao embotado ferro, á lassa gente.
Bandos são d'almas vis esses que restam.
Vivam, morram, que monta! Embora vivam!

Mas se os que ha posto em fuga ao campo volvem?
Se a paz da noite lhes dissipa o medo?...
É mister precaver. Tomar de prompto
o inimigo arraial, em quanto a sorte
anima, e dura o panico. Aos soldados,
lassos co'a lide, não receia enoje
este novo trabalho. Extensas fallas
não são mister para os guiar á preza.

—«Valentes meus — lhes diz — hemos vencido,
«e em cheio; agora o sangue exige paga;
«mostrar-vol-a, a mim toca; a vós, colhel-a;
«vós vol-a daes, não eu. Ahi tendes franco
«todo esse acampamento, amplo thesoiro
«de preciosos metaes; o oiro roubado
«ás povoações da Hesperia, o luxo eóo,
«tudo jaz em montões n'aquellas tendas.
«Os bens de tantos reis, e os bens do *Grande*,
«alli de ultimo dono estão á espera.
«Tomae pois a dianteira aos que vos fogem;
«soldados, ao real chegae primeiros;
«riquezas que a Pharsalia ha feito vossas,
«não deixeis que os vencidos vol-as roubem.»—

Com isto, e mais não disse, ajuntou azas
á soldadesca infrene, auri-sedenta:
romperão já por comoros de espadas,
calcarão corpos de senado e chefes.
Que fosso, que trincheira os deteria?:
da batalha e do crime a paga buscam;
avidos voam de saber por quanto
foram reos contra a patria. A fé que acharam
montanhas d'oiro, do varrido mundo,
para os gastos da guerra alli carreadas;
mas nada farta a quem deseja tudo.
Quanto oiro o Ibero mina, o Tejo expulsa,
ou traz rico Arimaspo á flor da areia,
roubem-n'o embora todo; ao que perpetram
julgal-o-hão diminuta recompensa.
Na idéa do vencer sempre lhes rira
a de entrarem na alcaçova tarpeia
e co'o saque de Roma haverem tudo;
se n'este campo se lhes cifra a preza,
burlou-se-lhes a esp'rança.

Oh! como dormem
plebeus impios nos cespedes patricios
e em thalamos de reis infame tropa!
Camas de paes, de irmãos, fugidos, mortos,
occupam-n'as perversos; mas o somno
que os lá toma é cançoso, é delirado:
volvem sonhando ao thessalo conflicto;
vela a todos na mente o crime sevo;
barafustam em lide imaginaria;
raivosas mãos ausente espada esgrimem.

Cuido ouvir todo o campo estar gemendo.
Vejo o nocente chão suar phantasmas;
o ar de manes infecto, e o céo nocturno
retintos no pavor da propria Stygе.
Cara sae a victoria aos vencedores;
merecem-n'o. Dormindo os terrificam
silvos, fachos de Eumenides; perseguem-n'os
sombras de cidadãos assassinados.
Vê cada qual a imagem que mais teme:
estes, de anciãos; aquelles, de mancebos.
Uns, sonham só cadaveres fraternos
a agital-os; do pae outro é possesso.
Arqueja Cesar co'os phantasmas todos.
Tal via furias o Pelopeo Orestes,
antes que na ara scythica o mundassem.
Taes alvorotos do animo avexavam
a Pentheo delirado, a Agave em furia.

Quantas espadas viu Pharsalia, quantos
n'um dia de vindicta havia a curia
punhaes vibrar, o opprimem n'esta noite.
Sobem monstros do Orco a flagellal-o.

Oh! que supplicio ao desditoso inflige
a consciencia ré!: Pompeo respira,
e já Cesar co'a Styge e os manes sonha!
já lhe anda todo o inferno infuso n'alma!

Mau grado a tanta angustia, a mortandade
que por toda Pharsalia reparece
ao clarear do dia, inda o fascina;
fito, immovel, no quadro os olhos pasce.
Contempla os rios torrenciaes co'o sangue!
observa como hombreiam co'os oiteiros
os montões dos cadaveres, que em breve
mingoando irão co'a tabidez resoltos!
Que revista do exercito do *Grande!*
que alardo de seus povos!

Põe-se á mesa
d'onde possa as feições d'aquelles mortos
estar a seu sabor reconhecendo.
Folga de já não ver a terra emathia,
que toda e toda os corpos lh'a acobertam.
Onde ha 'i mór seguro que este sangue?:
ri-lhe a fortuna; os deuses o protegem.
O cru, por não perder a hedionda scena,
funérea pyra aos miseros recusa,
e em deleterio ambiente a Emathia afoga.

Ah! nem o Peno a sepultar um consul,
nem os lybios queimando-nos em Cannas,
lhe serviram de exemplo!: o que aos vencidos
se deve, se costuma em toda a parte,
nega-o Cesar aqui. Não farto de ira
com tanto desbarato, o que só pensa
é que toda essa gente ora sem vida,
lhe era concidadã. Ninguem pedia
que désse a cada um jazigo á parte,
pyras eguaes em numero ao dos mortos:
sim; uma só fogueira aos povos todos,
uma queima geral e ininterrupta.

Se dar penas ao genro era o seu fito,
amontoasse as pindicas florestas,
e os carvalhaes eteos, que assim dos mares
sua Thessalia arder Pompeo veria.

Insensata vingança! Aos que estão mortos,
o irem-se em lodo ou cinza em que differe?
Tudo placidamente em si recolhe
a madre natureza; a quanto nasce,
perecer, destruir-se, é lei, é fado.

Se hoje o fogo não traga estas catervas,
um dia as tragará com terra e mares:
impende no porvir igneo diluvio,
que ossos e astros de envolta, absorva, extingua.

Onde quer que a fortuna, em tu morrendo,
ó Cesar, te conduza, ao mesmo ignoto
foram as tuas victimas. Tem certo
que nem has de subir a ceos mais altos,
nem ter leito melhor na Stygia noite.
A morte é da Fortuna independente.
Quanto nasce da terra, á terra volve.
Quem não tem urna tem o ceo por campa.

Tu que dás por castigo a tantas gentes
morte insepulta, porque vaes fugindo
d'esta destruição? porque não gozas
o ar d'este campo que rescende a morte?
Respiras mal? Répugnam-te estas aguas?
Teima, Cesar; afaze-te; não fujas.
Fugir o vencedor d'ante os vencidos!
Recear-se d'uns cadaveres corruptos!
Ter-lhes ganho a Pharsalia, e dar-lh'a em posse!...

Ao banquete mortifero da Hemonia
não só bistonios lobos acudiram:
farejando a carniça, os leões do Pholoe
correm dos montes; dos covis os ursos;
das cidades os cães, immunda raça;
tudo em fim quanto aventa ares pestiferos,
e se abala do odor cadaveroso.

Aves que já de muito acompanhavam
a um e outro exercito, alli poisam.
Vós, grous, que usaes trocar na hyberna quadra
a Thracia pelo Nilo, estaes sem pressa
do vosso ameno sul. Tantos abutres
nunca os ceos hão toldado, ou pennas tantas
outro algum ar batido. Nenhum bosque
deixou de enviar passaros; e as arvores
em que após vão poisar-se, orvalham sangue.
Sangue ou sanie do alto ás vezes chove
no rosto ao vencedor, nas impias signas;
e das já lassas garras de volateis
soltam-se membros. Inda assim, nem todo
quanto povo alli jaz é consumido
até aos ossos, ou se vae ser feras.
Os brutos anthropophagos, de fartos,
nem já da entranha o amago appetecem,
nem os tutanos 'té ao fim já sugam:
provam, largam. Poupada pelo tedio
jazendo fica o mais da ausonia gente
ao sol, á chuva, ao tempo, encarregados
de a solver para adubo aos chãos da Emathia.

Ó Thessalia infeliz! com que attentados
os deuses ultrajaste, que te opprimem
com tantas mortes, tão fataes flagicios?
Que edades bastarão para que um dia
estragos taes se esqueçam, se perdoem?
Quando darás as mésses descóradas
do sanguineo que as hervas te avermelha?
Quando será que em te sulcando o arado
já não violes manes de Romanos?
Hão-de entrar-te primeiro outros exercitos;
a mais facções de horror como estas de hoje
tens de franquear primeiro as terras tuas,
inda não séccas do passado sangue.

Quem fosse revolver quantas jazidas
de ascendentes ha 'i, tumulos novos
inda em pé, velhos tumulos minados
de vetustas raizes, d'onde as urnas
desconjuntas e vãs se baquearam,
menos restos mortaes em cinza, em ossos,
colhêra, do que a cinza que se volve
arando o solo hemonio, do que os ossos
com que os dentes ruricolas se encontram.

Não se víra ao presente um marinheiro
levar ferro da Emathia, uma charrua
sulcar este sepulchro dos Romanos,
um colono parar n'estas campinas
povoadas de lémures, nem gado
n'essas moitas pascer, nem pegureiro
que permittisse ao fato andar tosando
hervançal procreado em restos nossos;
em fim, região funesta, uma serías
das que impacientes de presença humana,
mortas co'a neve, ou sob o sol tostadas,
jazem perpetuamente ignotas, ermas,
se theatro primeiro á guerra infanda,
sido lhe houveras unico theatro.

Deuses! dae-nos ter odio unicamente
ao sitio d'onde veiu o nosso damno.
Se a carga dispartis co'o mundo todo,
todo o mundo absolveis. Hesperia em sangue,
flebil mar de Pachino, Leucas, Mútina,
da plaga Filippense a nodoa lavam.

José Feliciano de Castilho.

Por equivoco de compaginação, deixaram de entrar os seguintes versos, que deviam preceder a falla de Pompeo, começada a pag. 214 do numero antecedente pelo hemistichio —«É vindo exclama—

Pompeo, mal que notou a arremettida
das catervas hostis, viu claramente
ser esse o fim da guerra, o dia grande
pelos deuses marcado; assombro o gela!...
Um tal heroe tremer! que sestro agoiro!...

Mas disfarça o terror; percorre o exercito
em seu nobre corcel:

THEMAS CLASSICOS

Tomae um vaso, e deitae-lhe dêntro o licor que quizerdes, ou tenha bom ou mau cheiro; e vereis que conserva sempre em si aquelle que teve a principio. Da mesma maneira os meninos; aquella doutrina que na primeira edade receberam, com essa ficam até á morte.

Tomae uma arvore pequena e tenra, tirae-a da parte onde está, e transplantae-a em outra. Porventura custar-vos-ha muito arrancal-a, ou seccará? Não por certo; antes em poucos dias tornará a seu primeiro ser, na frescura, folha e fructo. E a essa mesma, depois de quantidade de annos, e tendo lançado grossas e largas raizes, se lhe quizerdes fazer o mesmo beneficio, podereis com a facilidade que tivestes quando ella era criança? De nenhuma maneira; porque então já não aproveita a arte e o poder do pomareiro, senão o poder e força do machado. Pelo que, isto de doutrinar o principe, industrial-o, e obrigal-o a seguir a virtude, seja em seus primeiros annos, e quanto mais na infancia melhor.

Miranda — *Tempo de Agora.*